

# OS PÚBLICOS DE FOZ CÔA\*

por

Aida Valadas de Lima\*\* & Manuela Reis\*\*

## INTRODUÇÃO

Em virtude da controvérsia gerada quanto ao seu valor histórico-arqueológico e quanto ao destino dos seus achados, potenciada por pressões públicas diversas e antagónicas, a descoberta das gravuras rupestres do Vale do Côa constitui hoje terreno privilegiado para a análise sociológica do património, propiciando uma boa ilustração do significado que este actualmente vem desempenhando na reconfiguração das sociedades modernas.

É sabida a importância com que, desde o pós-guerra, a gestão de bens culturais de valor patrimonial se perfila como componente do planeamento económico e social, e, como, por outro lado, o próprio modelo de desenvolvimento dos anos 60, ao produzir rápidas transformações e massivas alterações urbanísticas e paisagísticas, induziu a consciencialização da salvaguarda do património. A inclusão das questões do património na agenda política actual, por um lado, e, por outro, a eclosão de uma pluralidade de princípios e filosofias de abordagem e critérios de classificação dos bens patrimoniais são, entre outros, dois efeitos maiores desta recente consciencialização.

No que respeita ao primeiro dos dois efeitos assinalados, queremos sobretudo chamar a atenção para a alteração do quadro das oportunidades de intervenção política, sublinhando a crescente expressão pública de movimentos e lutas sociais conectados com os chamados valores pós-materialistas que caracterizam as práticas e representações de alguns grupos sociais emergentes nas sociedades mais avançadas.

---

\* Comunicação apresentada aos Cursos da Arrábida, *Science, Politics and Development: The Case of the Foz Côa Rock Art Engravings*, Convento da Arrábida, Setembro de 1998, no âmbito do projecto de investigação "Ciência, Política e Desenvolvimento. O Caso das Gravuras de Foz Côa", coordenado pela Prof. Eduarda Gonçalves, do ISCTE, e financiado pelo Programa PRAXIS XXI.

\*\* Docentes no ISCTE, Lisboa.

No que respeita ao segundo dos efeitos referidos, importa salientar duas considerações fundamentais. Trata-se, por um lado, do desenvolvimento de conceitos mais recentes de património, entre os quais destacamos os veiculados pelos organismos internacionais, cujas recomendações e convenções tendem a internacionalizar cada vez mais as orientações políticas relativas à salvaguarda dos bens culturais de valor patrimonial e, por outro lado, do alargamento progressivo da noção de património, que passa de uma noção restritiva de monumento, considerado na sua individualidade, a abordagens ambientalistas que procuram patrimonializar também os ambientes naturais de reconhecido valor paisagístico ou, pelo menos, contextualizar o património no seu meio envolvente natural.

É, fundamentalmente, no âmbito destas preocupações que se inserem os primeiros resultados, necessariamente provisórios, de um Inquérito que realizámos aos visitantes do Parque Arqueológico de Foz Côa.

O Inquérito<sup>1</sup> foi efectuado pela Euroexpansão no período entre 16 de Julho de 1998 e 20 de Agosto de 1998 a uma amostra representativa dos visitantes do Parque, com um erro de amostragem de 5.1% para um grau de confiança de 95%. A amostra é de 366 entrevistas. Do universo desta população constam indivíduos residentes em Portugal e maiores de 18 anos.

Com este Inquérito pretendíamos traçar o perfil sociológico destes visitantes atendendo fundamentalmente a seis dimensões de análise, que traduzimos por seis grandes grupos de questões:

- O primeiro grupo visava captar as motivações da visita às gravuras, bem como o conhecimento e os hábitos de visita a monumentos nacionais e estrangeiros.
- O segundo grupo destinava-se a captar a compreensão e avaliação do sítio arqueológico visitado.

---

<sup>1</sup> Para a construção deste Inquérito, beneficiámos da consulta de outros Inquéritos, nacionais e estrangeiros, cujos temas se relacionavam com algumas questões que pretendíamos pôr aos visitantes de Foz Côa. Nesse sentido, queremos destacar:

O Inquérito europeu sobre Valores Europeus, que em Portugal deu origem ao estudo *Portugal, valores europeus - identidade cultural*, IED, 1993; o Inquérito internacional - International Social Survey Program (ISSP) de 1995, sobre *Identidade Nacional*, cedido por J. Vala; o Inquérito europeu sobre *Consciência histórica e identidade dos jovens europeus*, já aplicado em Portugal, cedido por Machado Pais; o Inquérito português sobre o *Ambiente*, do programa OBSERVA, de cuja equipa faz parte Aida V. de Lima.

A elaboração do Inquérito aos visitantes de Foz Côa beneficiou ainda das sugestões, que agradecemos, dos Profs. M. Villaverde Cabral e J. Vala.

Na preparação do trabalho de campo foi fundamental a colaboração dos serviços do Parque Arqueológico do Vale do Côa, em particular do Arquitecto Maia Pinto que disponibilizou os apoios logísticos necessários.

Do mesmo modo, seria injusto não referir a competência técnica que a Euroexpansão demonstrou na execução do trabalho de campo, salientando o empenho pessoal do Dr. Loureiro da Silva.

À Dra. Fátima Rodrigues da Palma agradecemos igualmente o profissionalismo e a dedicação que tornaram possível, em tão curto período de tempo, o tratamento provisório dos dados.

– O terceiro grupo referia-se a um conjunto de questões que pretendia descortinar as atitudes destes visitantes face ao património e à sua preservação.

– O quarto grupo visava captar elementos sobre a identidade nacional.

O quinto grupo englobava questões sobre cidadania e valores sócio-políticos destes visitantes.

– Finalmente, o sexto e último grupo comportava as clássicas perguntas de caracterização sociográfica.

## 1. OS PÚBLICOS DE FOZ CÔA

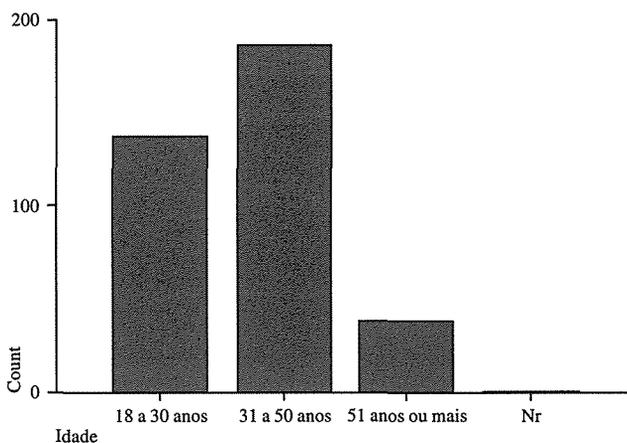
### 1.1. Nota Sociográfica

Do total dos visitantes inquiridos, 51.1% são homens e 48.9% mulheres. Mais de metade dos inquiridos são indivíduos com idades compreendidas entre os 31 e os 50 anos (51.1%). Os restantes têm idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos – 37.7% do total dos inquiridos, ou mais de 51 anos – 11.2% do total dos inquiridos (gráfico 1).

Cerca de 47% dos inquiridos residem nos distritos de Lisboa e Setúbal (maioritariamente provenientes dos concelhos de Sintra e Almada); os residentes no distrito do Porto representam 21% do total (maioritariamente provenientes do concelho do Porto) (gráfico 2).

#### GRÁFICO 1

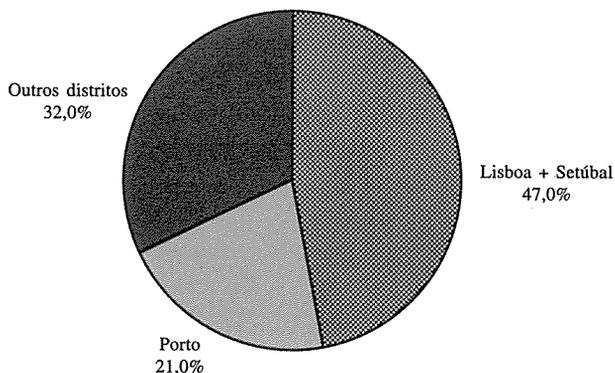
IDADE DOS INQUIRIDOS



Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

**GRÁFICO 2**

## RESIDÊNCIA

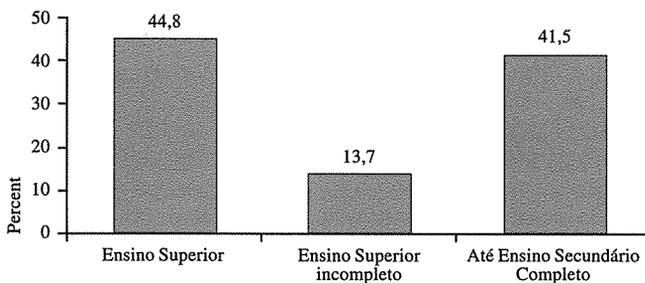


Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

Todos os visitantes são escolarizados. Destacam-se, com 44.8% do total, os inquiridos detentores de um diploma do Ensino Superior (19.4% licenciados em Ciências Exactas, Naturais e Médico-Farmacêuticas e 19.1% licenciados em Ciências Sociais e Humanas). Com o Ensino Superior incompleto registam-se 13.7% dos inquiridos; os 41.5% restantes registam um nível de instrução até ao ensino secundário completo (gráfico 3).

**GRÁFICO 3**

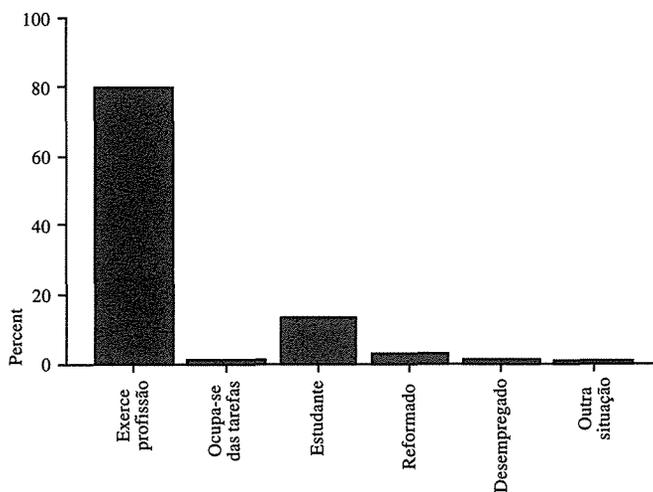
## NÍVEL DE INSTRUÇÃO



Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

Relativamente à condição perante o trabalho, os inquiridos encontram-se, maioritariamente, a exercer profissão – 79.8% do total; os estudantes representam, por sua vez, cerca de 14% do total; as restantes categorias (domésticos, reformados e desempregados) são meramente residuais (6.6% do total) (gráfico 4).

**GRÁFICO 4**  
CONDIÇÃO PERANTE O TRABALHO

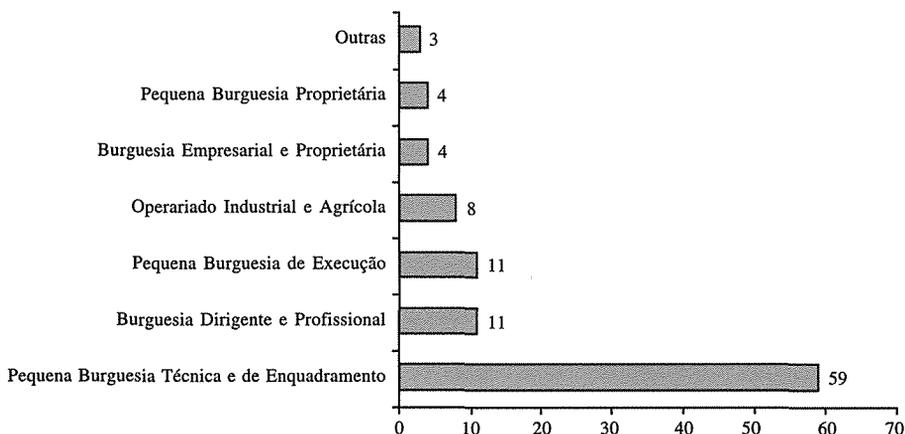


Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

Se ensaiarmos uma primeira análise, necessariamente provisória, em termos de classes sociais e de fracções de classe<sup>2</sup>, concluímos que cerca de 59% dos inquiridos se posiciona na fracção de classe correspondente à pequena burguesia técnica e de enquadramento. A pequena burguesia de execução e a burguesia dirigente e profissional registam, respectivamente, 11.4% e 11.1% do total.

<sup>2</sup> Para tal seguimos de perto a proposta de ALMEIDA, J. Ferreira de, COSTA, A. Firmino da e MACHADO, F. Luís (1988), "Famílias, Estudantes e Universidade - painéis de observação sociográfica", in: *Sociologia. Problemas e Práticas*, nº 4, CIES, Lisboa, pp. 11-44.

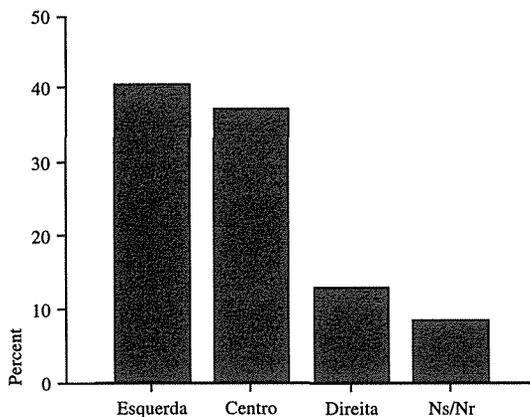
**GRÁFICO 5**  
CLASSES SOCIAIS



Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

Relativamente ao posicionamento dos inquiridos face à política, observa-se que os inquiridos que se situam à esquerda do espectro político representam 40.7% do total; o centro acolhe 37.4% dos inquiridos, enquanto os que se situam à direita do espectro político representam, por sua vez, 13.1% do total. A categoria não sabe/não responde regista, apenas, pouco mais de 8% do total (gráfico 6).

**GRÁFICO 6**  
ORIENTAÇÃO POLÍTICA

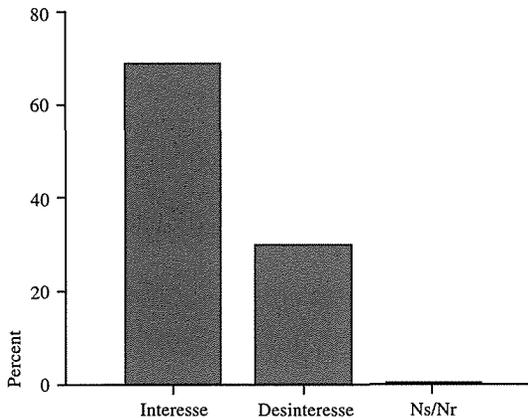


Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

Quando inquiridos sobre o seu interesse pela política, cerca de 70% dos visitantes das gravuras rupestres do Vale do Côa respondem ter interesse pela política (destes cerca de 1/4 responde ter muito interesse). Apenas dois inquiridos não sabem ou não respondem (gráfico 7).

### GRÁFICO 7

#### INTERESSE PELA POLÍTICA



Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

A confirmar o interesse pela política entre os visitantes inquiridos, 83.3% do total votou nas últimas eleições legislativas. Apenas 16.1% não votou e dois inquiridos responderam na categoria não sabe/não responde (gráfico 1, em anexo).

Finalmente, quando inquiridos sobre se tinham simpatia por algum dos partidos políticos portugueses, 27.9% do total declara não ter simpatia por nenhum dos partidos. As simpatias partidárias dos restantes (67.8% do total) vão em 50% dos casos para o PS e, em 28.6% dos casos, para o PPD/PSD. A CDU/PCP colhe 8% do total. Uma vez mais, a categoria não sabe/não responde assume valor residual (4.4% do total das respostas) (gráfico 2, em anexo).

Resta-nos, nesta nota sociográfica sobre os públicos de Foz Côa, referir alguns dados de “socialização cultural” dos visitantes das gravuras rupestres. São duas as variáveis que procuram traduzir esta dimensão, a saber:

- 1) Frequência de visitas a exposições, museus ou monumentos históricos quando tinham 12/13 anos;
- 2) Número aproximado de livros, excluindo revistas, existentes em casa quando tinham 12/13 anos.

Os resultados sugerem, sobretudo por comparação com o total da população

portuguesa, estarmos perante uma população cedo familiarizada com a visita a exposições, museus ou monumentos históricos, por um lado, e com um número, então, apreciável de livros, por outro. De facto, cerca de 67% do total dos inquiridos costumava visitar exposições, museus ou monumentos históricos (destes, 36.3% visitava-os regularmente). Por seu turno, 32.8% do total dos inquiridos declaram que haveria entre 11 a 50 livros em sua casa, quando tinham 12/13 anos de idade. Com 51 a 200 livros, então em casa, estão, ainda, cerca de 29% dos inquiridos. Apenas 2.5% declaram a não existência de livros.

## 1.2. Imagens de Foz Côa

Feita a caracterização sociográfica sumária dos visitantes de Foz Côa, e antes de procedermos à análise do significado que o património assume para este público, analisemos, neste âmbito, três grandes questões que designaremos por:

- 1) Avaliação da visita;
- 2) Percepção e significado do património Foz Côa;
- 3) Nível de informação, conhecimento e “consumo” de património.

### 1.2.1. Avaliação da Visita

A grande maioria dos visitantes inquiridos (78.1% do total) declarou ter visitado ou ter intenção de visitar apenas um núcleo das gravuras do Vale do Côa; 16.9% visitaram ou iam visitar dois núcleos das gravuras e, tão só, 4.9% declarou ter visitado ou pretender visitar os três núcleos das gravuras – Muxagata, Castelo Melhor e Ribeira de Priscos. Quando inquiridos sobre o grau de satisfação com a visita, a esmagadora maioria – 98.1% dos visitantes inquiridos mostram-se satisfeitos (destes cerca de 64% declaram-se muito satisfeitos com a visita às gravuras rupestres de Foz Côa) (gráfico 3, em anexo).

Quando confrontados com o grau de interesse suscitado por vários aspectos da visita, a saber:

- 1) Apresentação das gravuras no local onde foram descobertas;
- 2) Conteúdo das explicações dadas pelo guia sobre as gravuras;
- 3) Conteúdo das explicações dadas pelo guia sobre a região;
- 4) Interesse histórico das gravuras;
- 5) Beleza das gravuras;
- 6) Beleza da paisagem;

#### 7) Actividades existentes nos centros de acolhimento.

A esmagadora maioria manifesta muito interesse por todos os aspectos (as percentagens variam entre os 91.8% e os 77.3%), exceptuando no caso das actividades existentes nos centros de acolhimento. De facto, relativamente a este aspecto da visita, apenas 28.1% dos visitantes inquiridos se declara muito satisfeito. Os que respondem nenhum ou pouco interesse e não sabe/não responde representam 18.5% e 14.8%, respectivamente.

As respostas relativamente à questão “Que outras actividades deveria o Parque Arqueológico do Vale do Côa oferecer aos visitantes?” apontam, inequivocamente, para actividades de divulgação do património (mais espaços equipados para projecção de filmes e documentários sobre as gravuras e o seu tempo; visita ao Centro de Estudos de Arte Rupestre; organização de visitas a outros monumentos da região). De facto, 70.7% do total das respostas enquadram-se nesta categoria. As actividades de lazer são referidas por 28.9% dos inquiridos. Os sem opinião sobre esta matéria não chegam a representar 0.5% do total.

Podemos, assim, concluir ser muito positiva, para a maioria dos visitantes de Foz Côa inquiridos, a avaliação que fazem da visita. Vejamos, por fim, a principal razão que os levou a visitar estas gravuras rupestres.

Para 26.8% dos inquiridos a principal razão da visita reside no hábito de visitar lugares históricos, monumentos, ruínas... “O carácter único e a fama das gravuras” constituem a razão principal da visita para 18.9% dos inquiridos. Destaque-se, ainda, as razões “porque é um lugar histórico importante” e “por ouvir na TV” com 15.8% e 10.1% do total das respostas, respectivamente. Apenas 2.2% invocam como razão principal da visita “avaliar se as gravuras valem mais que a barragem”. São, apenas, 8.5% os inquiridos que referem outras razões (gráfico 4, em anexo).

### 1.2.2. Percepção e Significado do Património Foz Côa

À questão que consistia em saber o grau de concordância com um conjunto de cinco afirmações relativas à importância das gravuras rupestres do Vale do Côa, os inquiridos estão, esmagadoramente, de acordo, por ordem percentual decrescente, com o facto das gravuras contribuírem para a preservação paisagística e histórica da região (97.8% do total dos inquiridos); aumentarem o conhecimento da humanidade (96.4% do total dos inquiridos); e, tornarem Portugal mais conhecido no mundo (95.1% do total). As afirmações – “impedem o desenvolvimento mais rápido da região” e “só interessam aos especialistas que as podem apreciar devidamente” – colhem o desacordo da maior parte dos inquiridos – 79.8% e 95.1%, respectivamente.

A crescer e comprovar a percepção do significado das gravuras, observa-se que 77.6% dos inquiridos mantinha a decisão que foi tomada quanto ao destino a dar às gravuras. A opção “construção da barragem e transporte das gravuras para um museu local” regista 7.9% do total das respostas. Um escassíssimo número de visitantes inquiridos (6 num total de 366) optaria pela “construção da barragem, submersão das gravuras e colocação de réplicas num museu”.

Analisemos, por fim, o que representa este tipo de património para os seus visitantes. Para tal pedimos aos inquiridos que nos fornecessem uma primeira escolha e uma segunda escolha de uma lista de afirmações sobre o significado desse sítio arqueológico.

**QUADRO 1**  
SIGNIFICADO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO

	1ª ESCOLHA		2ª ESCOLHA	
	Count.	%	Count.	%
Um importante lugar histórico	115	31,4%	94	25,7%
Um símbolo nacional	21	5,7%	32	8,7%
Um avanço no conhecimento da humanidade	128	35,0%	78	21,3%
Uma importante descoberta científica	67	18,3%	73	19,9%
Um bom local para desenvolvimento turístico	25	6,8%	78	21,3%
Um bom local para passear	9	2,5%	9	2,5%
Ns/Nr	1	,3%	2	,5%
<b>T O T A L</b>	<b>366</b>	<b>100,0%</b>	<b>366</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

Os inquiridos que elegem como primeira resposta a afirmação “um avanço no conhecimento da humanidade” representam 35% do total, aos quais se seguem, de muito perto, os que respondem à afirmação “um importante lugar histórico” – 31.4% do total das primeiras escolhas. Com 18.3% das respostas regista-se, ainda, a afirmação “uma importante descoberta científica”. A afirmação “um bom local para desenvolvimento turístico” regista a modesta percentagem de 6.8%.

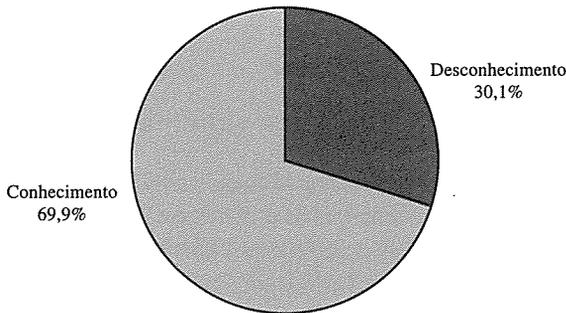
As segundas escolhas conduzem-nos aos seguintes resultados: os scores mais elevados mantêm-se, ainda que não na mesma proporção, nas categorias “um importante lugar histórico” e “um avanço no conhecimento da humanidade” (25.7% e 21.3%, respectivamente), registando-se em terceiro lugar, em termos percentuais, a categoria “um bom local para desenvolvimento turístico”.

### 1.2.3. Nível de Informação, Conhecimento e “Consumo” de Património

Outra questão que nos interessa reter é a que designámos por nível de informação, conhecimento e “consumo” de património ou, em síntese, nível de interesse pelo património. Analisemos, então, um conjunto de variáveis que procuram traduzir esta dimensão. Do total dos visitantes inquiridos, cerca de 70% identificam o período histórico a que correspondem as gravuras, a saber: o Paleolítico Superior (gráfico 8).

**GRÁFICO 8**

CONHECIMENTO DO PERÍODO HISTÓRICO



Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

Regista-se nesta questão uma percentagem de não sabe/não responde assinalável (quando comparada com outras questões do questionário) da ordem dos 12% do total.

Por outro lado, cerca de 3/4 dos inquiridos (76.2% do total) já visitou outros sítios arqueológicos. Destes, 54.5% do total ouviu falar de outros, para além dos já visitados (Quadro 1, em anexo). Mais de metade dos sítios arqueológicos visitados são ruínas romanas (51.7% do total das respostas). Observa-se uma dispersão considerável, relativamente às restantes respostas respeitantes ao tipo de sítio arqueológico visitado. As visitas a centros históricos e a sítios arqueológicos de arte rupestre registam 5.6% e 5% das respostas, respectivamente. Dos sítios arqueológicos de que os inquiridos já ouviram falar, 34.2% e 16.6% mencionam ruínas romanas e arte rupestre, respectivamente. A taxa de não sabe/não responde é da ordem dos 25.6% do total das respostas.

Dos visitantes para quem as gravuras rupestres do Vale do Côa são o único sítio arqueológico que visitaram, 16% e 5.3%, respectivamente, mencionam ruínas romanas e arte rupestre, quando inquiridos sobre os sítios arqueológicos de que já tinham ouvido falar.

A esmagadora maioria (97.3% do total dos inquiridos) (quadro 1, em anexo) tem por hábito visitar outros tipos de monumentos. Nos últimos três anos, 36% do total dos inquiridos visitou entre 11 a 40 monumentos. Com 41 a 100 monumentos visitados situam-se, ainda, 20% do total. Os que declaram ter visitado até 5 monumentos representam 14% do total. Com mais de 100 monumentos visitados, nos últimos três anos, encontram-se 8% dos casos. A distribuição das respostas dos inquiridos pelo tipo de monumentos visitados permite concluir por uma relativa dispersão, salientando-se, no entanto, como percentualmente mais representados, os seguintes monumentos: sés e igrejas (cerca de 33% do total das respostas), conventos e mosteiros (cerca de 19% do total) e castelos (cerca de 17% das respostas). Ao todo foram enumerados cerca de 700 monumentos.

## 2. CIDADANIA E PATRIMÓNIO

### 2.1. Orientações culturais dos visitantes

Para além da opinião sobre as gravuras e da avaliação que fazem da visita ao Parque, quisemos igualmente conhecer as atitudes e disposições que estes visitantes revelam em relação à protecção e valorização do património histórico edificado.

Em primeiro lugar, interessava-nos perceber qual o grau de importância que o património histórico desempenha num quadro de opções político-económicas; em segundo lugar, queríamos saber que tipo (ou tipos) de património é(são) mais valorizado(s) por estes visitantes; em terceiro lugar, pretendíamos indagar sobre o significado – ou as expectativas – que este público das gravuras de Foz Côa retira da visita a lugares históricos.

No que se refere à primeira questão – sobre o grau de importância que atribuem ao património histórico e, portanto, à necessidade da sua preservação – pudemos constatar o seguinte (quadro 2):

**QUADRO 2**  
IMPORTÂNCIA DO PATRIMÓNIO

	PAGAR MAIS IMPOSTOS		DESENVOLVIMENTO		LUXO SÓ DOS PAÍSES DESENV.		INOVAÇÃO	
	Count.	%	Count.	%	Count.	%	Count.	%
Concorda	283	77,3%	300	82,0%	12	3,3%	18	4,9%
Discorda	43	11,7%	9	2,5%	342	93,4%	328	89,6%
Não conc. n/ disc.	39	10,7%	53	14,5%	10	2,7%	16	4,4%
Ns/Nr	1	,3%	4	1,1%	2	,5%	4	1,1%

Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

Confrontados com alguns custos económicos e político-culturais resultantes da conservação de certos monumentos e conjuntos históricos, 77.3% concorda que todos temos o dever de contribuir para a preservação do nosso património, mesmo que tal implique pagar mais impostos; 82% concorda que os nossos monumentos históricos sejam conservados mesmo que isso vá contra o desenvolvimento de certas actividades económicas; ao mesmo tempo que 93.4% discorda que a conservação dos monumentos históricos seja um luxo que só os países mais desenvolvidos possam praticar, discordando também – 90% dos visitantes – que as exigências de conservação dos monumentos históricos possam vir a impedir a inovação urbanística e arquitectónica.

Tais resultados, de certa forma surpreendentes – se pensarmos no conjunto da população portuguesa e nas prioridades que previsivelmente esta daria ao desenvolvimento económico em detrimento da conservação do património, – tais resultados mostram-nos, contudo, que colocado perante a opção de construção de uma auto-estrada ou de destruição de património, o público das gravuras de Foz Côa não atribui a todos os tipos de património a mesma importância.

De facto, convidados a pronunciar-se sobre a importância que atribuíam aos seguintes oito tipos de bens patrimoniais em perigo de destruição pela auto-estrada, numa escala com cinco graus, os inquiridos hierarquizam-nos da seguinte forma (quadro 3):

**QUADRO 3**  
TIPOS DE PATRIMÓNIO VALORIZADO

	Muito Importante		Nada Importante		Ns/Nr	
	Count.	%	Count.	%	Count.	%
Lugar Pré-histórico	338	92,2%	1	,3%	3	,8%
Igreja Medieval	330	90,2%	3	,8%	3	,8%
Casa Rústica	215	58,7%	26	7,1%	4	1,1%
Velha Fábrica	116	31,7%	116	31,7%	2	,5%
Monumento 2ª guerra	133	36,4	101	27,6%	6	1,6%
Casa de um poeta	167	45,6%	47	12,8%	2	,5%
Formação geológica	311	85,1%	5	1,4%	3	,8%
Ninhos em extinção	323	88,3%	7	1,9%	1	,3%

Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

92.2% atribui muita importância a “um lugar pré-histórico”, 90.2% atribui muita importância a “uma igreja medieval”, mas já só 58.7% atribui muita importância a uma “casa rústica, em boas condições, com 300 anos”, percentagem que diminui para 31.7% de atribuição de muita importância no caso de “uma velha fábrica de destilação ainda em funcionamento”. Por outro lado, só 36.4% atribui muita importância a “um monumento comemorativo da 2ª Guerra Mundial”, 45.6% atribui muita importância à “casa de um poeta famoso que morreu há cerca de 100 anos”, mas é ao património ambiental que, de novo, os inquiridos atribuem os *scores* mais elevados dos mais altos graus de importância – 85% atribui muita importância a “uma formação geológica rara”, enquanto 88.3% atribui igualmente muita importância a “um lugar de ninhos de aves em extinção”.

Como verificamos, o património com valor histórico-económico, representado pela “casa rústica” e pela “velha fábrica de destilação”, o património com valor histórico-político recente, representado pelo “monumento da 2ª Guerra Mundial”, ou o património com valor histórico-literário, representado pela “casa de um poeta famoso” são os tipos de património a que estes visitantes votam menos importância.

Então, a principal conclusão a retirar destes dados é que é sobretudo a protecção do património histórico-monumental e do património ambiental que recolhe o apoio destes visitantes, quando aquele é ameaçado por certas opções de desenvolvimento económico. Bem podíamos aqui subscrever a afirmação de J. Machado Pais quando, a propósito dos resultados do Inquérito já referido, escreve: “A memória dos monumentos é mais poderosa do que a simples memória do tempo, despida de monumentalidade” (PAIS, 1998:144).

Assim, uma primeira análise destes resultados encaminha-nos desde já para dois níveis de reflexão.

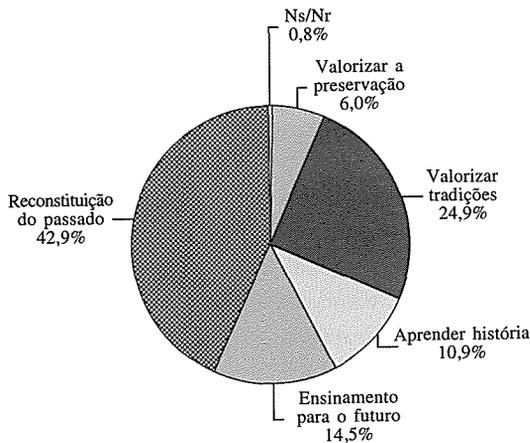
Formularíamos o primeiro nível da seguinte forma: nas sociedades modernas mais avançadas, os conflitos em torno do desenvolvimento deixaram de se centrar exclusivamente nas questões económicas, para passar a incorporar dimensões de natureza ambiental e cultural. Tal significa a entrada na agenda política de novos protagonistas que se distinguem dos clássicos partidos políticos e sindicatos, no que respeita a objectivos, métodos e organização. Estamos evidentemente a referir-nos às potencialidades de intervenção de grupos tais como associações de defesa do ambiente e do património.

O segundo nível de reflexão reporta-se à ideia de que para compreender a adesão (ou a sua falta) de certos grupos sociais a projectos de preservação do património que possam pôr em causa o desenvolvimento de outras actividades – e aqui o caso de Foz Côa é particularmente ilustrativo – é igualmente necessário conhecer as formas de consciência histórica, isto é, as formas como as sociedades modernas lidam com a memória do passado, a reconstruem e a utilizam no presente.

Entre outros factores, é sem dúvida na natureza da consciência histórica destes visitantes que podemos procurar explicações para a hierarquização e valorização que fizeram dos bens patrimoniais apresentados.

De alguma forma, foi nessa tentativa de explorar elementos da consciência histórica que pudessem transformar-se em práticas de “consumo” de lugares históricos, que pedimos a estes visitantes para que nos transmitissem o significado que eles próprios atribuíam à visita a lugares históricos (gráfico 9).

**GRÁFICO 9**  
SIGNIFICADO DO PATRIMÓNIO



Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

Também aqui os resultados são sugestivos. Para 42.9% a visita de lugares históricos significa “uma forma de compreender o comportamento das pessoas no passado, reconstruindo os quadros de vida e pensamento do período em que viveram”, ainda para 24.9% significa “uma forma de aprender a reconhecer e a valorizar as nossas tradições e as características do povo que somos”; apenas 10.9% acha que a visita de lugares históricos é “uma forma agradável de aprender história”, 14.5% que é “uma possibilidade de conhecer modos de vida passados que constituem um ensinamento para o futuro” e, para apenas 6%, é “uma forma de aprender a valorizar a preservação das ruínas históricas e das construções antigas”.

O património parece assumir para estes visitantes dois significados fundamentais. Por um lado, a reconstituição histórica de modos de vida passados sob um cenário de monumentalidade (não esqueçamos que cerca de 90% dos visitan-

tes atribuíram a maior importância aos lugares historicamente mais antigos e monumentais); por outro lado, ainda que na base de uma percentagem mais baixa, o património funciona como o repositório das tradições de um povo que é preciso aprender a reconhecer e a preservar e, portanto, provavelmente, como um dos elementos da identidade nacional.

A este propósito, são também interessantes os resultados sobre o monumento que para estes visitantes melhor simboliza Portugal. 60.4% dos visitantes divide-se pelo “Castelo de Guimarães”, com 19%, pela Torre de Belém, com 23% e pelo Mosteiro dos Jerónimos, com 18%. Apenas 2% afirma não haver nenhum monumento que simbolize Portugal, enquanto o grupo dos que “não sabem ou não respondem” recobre ainda 8%. Ao todo, foram enumerados 37 monumentos.

O que significa esta dispersão? Riqueza e variedade, a dificultar a escolha de um monumento de identificação com o país, ou, o contrário? Em todo o caso, a formação da nacionalidade portuguesa e os descobrimentos são, como é fácil concluir, essencialmente os dois períodos históricos que parecem marcar a identidade nacional destes visitantes.

Importante era, igualmente, perceber que organismos sociais elegem estes visitantes como interlocutores principais na resolução de problemas relacionados com a protecção do património nacional. A este respeito, 46.4% atribui ao “Governo e Câmaras Municipais” a competência para gerir questões ligadas ao património; 29.4% acha que tal responsabilidade é bem desempenhada pela “sociedade civil” (incluindo aqui mecenas, com 4.8%; associações e grupos de cidadãos, com 8.8% e *media*, com 5.8%), 18.5% deposita a sua confiança nos organismos internacionais e 15.6% nos especialistas ligados à conservação, divulgação e estudo do património.

A fraca percentagem dos que atribuem à “sociedade civil” um papel relevante na contribuição que esta pode dar à protecção do património – particularmente o sector das associações e grupos de cidadãos – talvez possa ser explicada, neste caso, pelo facto de 64% destes visitantes considerar que nos países mais desenvolvidos da Europa as pessoas têm mais respeito pelo património histórico do que em Portugal, apresentando como razão, em 94% dos casos, não as diferenças de nível de desenvolvimento entre os países, nem tão pouco a probabilidade de aqueles poderem apresentar um património mais valioso, mas, justamente, por terem mais informação e educação cívica.

## 2.2. Orientações políticas dos visitantes

Este último resultado aponta-nos para outro conjunto de questões que nos permite relacionar – como era um dos propósitos deste Inquérito – as actuais

preocupações de defesa e valorização do património das sociedades modernas com o surgimento e a sedimentação de novas formas de cidadania tendentes a incorporar práticas políticas em cujos objectivos se reflectem, precisamente, essas preocupações.

Nesse sentido, colocámos aos visitantes três ordens de questões, nomeadamente, sobre os objectivos que o país deve alcançar nos próximos anos; as formas de participação política e o grau de associativismo.

Em primeiro lugar, pedíamos que ordenassem, em dois momentos separados e por ordem de importância, os objectivos que o país deve alcançar nos próximos anos. Os resultados são bastantes esclarecedores da problemática que pretendíamos ilustrar (quadro 4).

**QUADRO 4**  
OBJECTIVOS QUE O PAÍS DEVE ALCANÇAR I

	1º Lugar	2º Lugar
Manter ordem pública e segurança	14,5%	16,4%
Defender a qualidade de vida	45,9%	31,7%
Dar aos cidadãos maior capacidade de intervenção nas decisões importantes do Governo	15,6%	22,4%
Manter elevado nível de crescimento económico	23,5%	28,7%
NS/NR	0,5%	0,8%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

Com efeito, na primeira fase, 46% dos inquiridos colocam como objectivo, em 1º lugar, defender a qualidade de vida, enquanto só 24% escolhe em 1º lugar o objectivo de manter um elevado nível de crescimento económico. Em 2º lugar, o mesmo objectivo de defender a qualidade de vida ainda recolhe a percentagem mais elevada, com 32%.

Mas, na segunda fase, os resultados são ainda mais esclarecedores (quadro 5).

**QUADRO 5**  
**OBJECTIVOS QUE O PAÍS DEVE ALCANÇAR II**

	1º Lugar	2º Lugar
Defender o ambiente	48,4%	27%
Combater o crime	15%	21,6%
Garantir a melhoria dos salários	17,8%	26%
Garantir a liberdade de expressão e associação dos indivíduos	18,3%	24,6%
NS/NR	0,5%	0,8%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

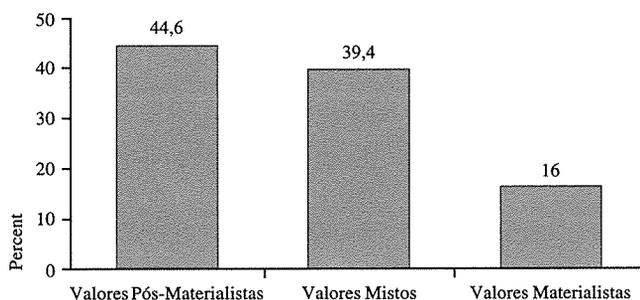
Aqui, 48% dos visitantes escolhe em 1º lugar o objectivo de defender o ambiente, contra 18% que aponta como objectivo em 1º lugar garantir a melhoria dos salários. Em segundo lugar, o *score* mais elevado continua a ser defender o ambiente.

Carreando outros resultados até agora apresentados, podemos afirmar estamos em presença de uma camada social muito específica na sociedade portuguesa.

Ou seja, estamos perante um tipo de “consumidor” do património histórico com níveis de escolaridade muito acima da média da sociedade portuguesa (BENAVENTE *et al*, 1996), que revela um razoável conhecimento do património histórico nacional e estrangeiro, incorporando na sua trajectória social alguma familiaridade com objectos culturais, e que se guia por um conjunto de valores sócio-políticos tendentes – ao contrário do que referem outros estudos para a maioria da população portuguesa (CABRAL *et al*, 1993; VALA, 1995) – a privilegiar dimensões estéticas, intelectuais ou referentes à qualidade de vida, ou, ainda, relativas à maior democratização da vida colectiva e individual, em detrimento de orientações exclusivamente voltadas para o nível económico.

Foi esta informação que tentámos reunir no gráfico 10, onde, mediante uma agregação de dados resultante apenas do objectivo que colocavam em 1º lugar, na primeira e segunda fase, obtivemos a seguinte classificação:

**GRÁFICO 10**  
VALORES POLÍTICOS



Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

A minoria dos inquiridos – representada em 16% – situa-se num quadro de valores sócio-políticos clássicos, isto é, aqueles que tendem a concentrar os seus principais interesses em valores de coesão social e segurança económica, aos quais, seguindo a categorização proposta por Inglehart, chamamos valores materialistas (INGLEHART, 1997).

Pelo contrário, 45% dos visitantes das gravuras de Foz Côa ancora os seus interesses em valores políticos de natureza cultural e de autonomia individual, que aqui designamos por valores pós-materialistas.

Estamos em crer que os visitantes que configuram esta categoria, a qual somada à dos valores mistos traduzirá a população-tipo dos visitantes das gravuras, constituem aquilo a que poderíamos chamar a base social de apoio do fenómeno social que alguns especialistas designam por culto moderno dos monumentos (RIEGL, 1984).

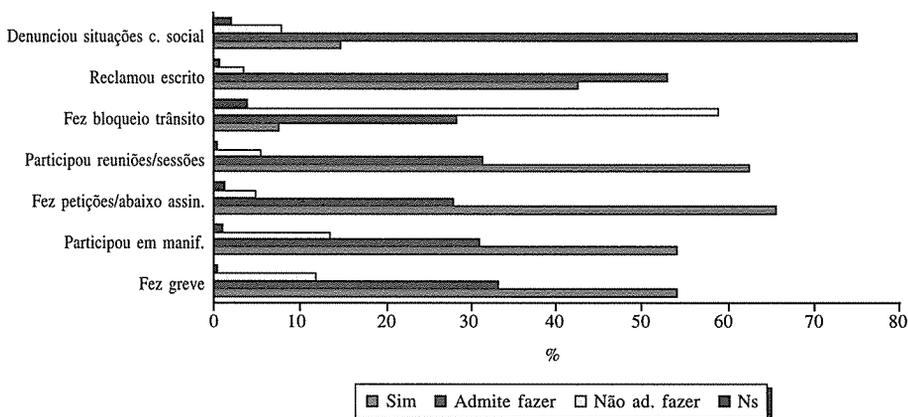
O culto moderno dos monumentos consiste num movimento recente de reconceptualização do património histórico que, ao alargar a própria noção de património para além da valorização específica do monumento, criando, por exemplo, novos conceitos como centro histórico ou património urbano (CHOAY, 1996), arrasta simultaneamente o alargamento dos públicos dos monumentos e do património históricos.

Prosseguindo a análise em torno das orientações políticas destes visitantes, apresentamos agora alguns resultados sobre as suas formas de participação e organização políticas, por forma a completarmos um primeiro perfil do tipo de cidadania que os caracteriza.

Quanto às formas de participação política destes visitantes, para além de uma elevada prática eleitoral, conforme vimos anteriormente, podemos afirmar que estamos perante uma população bastante politizada que já experimentou todos os tipos de manifestação política representativos da liberdade de expressão característica das democracias modernas (gráfico 11).

GRÁFICO 11

## FORMAS DE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

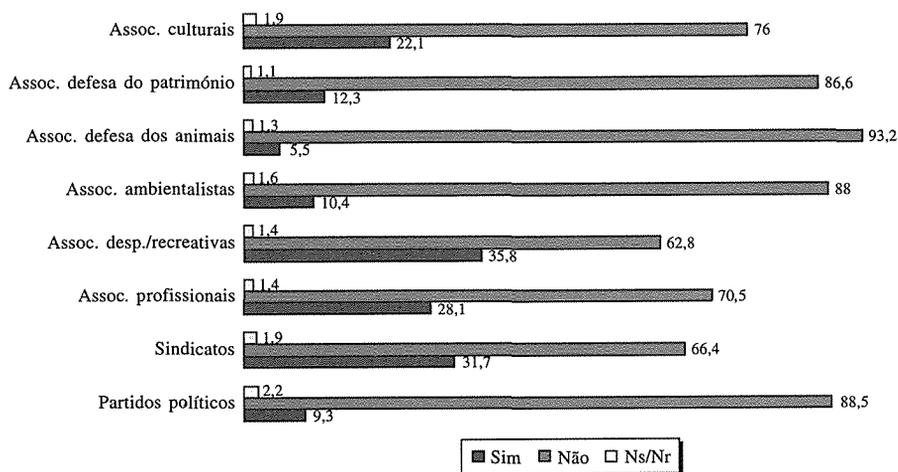


Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

A exceção refere-se ao “bloqueio de trânsito” em que apenas participaram 7,7%, mas em que uns significativos 59% nunca fizeram nem admitem vir a fazer. Baixa é também a percentagem dos que denunciaram situações a órgãos de comunicação social – 14,8% –, embora 75% admita poder vir a fazê-lo.

Estes visitantes apresentam, no entanto, baixíssimos valores no que se refere à sua pertença a associações, partidos ou sindicatos, mostrando assim o seu fraco nível de organização (gráfico 12), e não se destacando, neste âmbito, da cultura política do país que alguns caracterizam como fundamentalmente enraizada num défice de corporativização da sociedade civil (SANTOS, 1990).

**GRÁFICO 12**  
ASSOCIATIVISMO



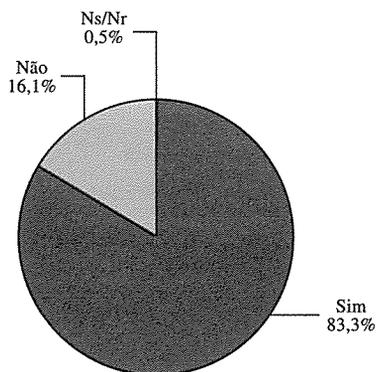
Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, João F.; COSTA, A. e MACHADO, F. (1988), «Famílias, Estudantes e Universidade – painéis de observação sociográfica», *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº 4, pp. 11-44.
- BENAVENTE, A.; ROSA, A.; COSTA, A. e ÁVILA, P. (1996), *A Literacia em Portugal – resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa, 428p.
- CABRAL, M. Villaverde; FREITAS, E. e RODRIGUES, M.L. (1993), «Atitudes da população portuguesa perante o desenvolvimento», in GOUVEIA, T. Patrício (Org.), *Sociedade, Valores Culturais e Desenvolvimento*, Lisboa: D. Quixote, pp. 23-64.
- CHOAY, Françoise (1996-92), *L'Allégorie du Patrimoine*, Paris: Seuil, 260p.
- INGLEHART, Ronald (1997), *Modernization and Postmodernization. Cultural, Economic and Political Change in 43 Societies*, Princeton/New Jersey: Princeton University Press, 453p.
- MACHADO PAIS, J. (1998), *A Consciência histórica e identidade dos jovens portugueses*, Relatório de trabalho.
- RIEGL, Alois (1984), *Le Culte Moderne des Monuments. Son essence et sa genèse*, Paris: Seuil, 123p. (Traduzido do alemão, *Der Moderne Denkmalkultus, sein Wesen und seine Entstehung*, (1903).
- SANTOS, Boaventura S. (1990), *O Estado e a Sociedade em Portugal (1974-1988)*, Porto: Afrontamento.
- VALA, J. (1995), «Valores Sócio-Políticos», in FRANÇA, L., *Portugal – Valores Europeus. Identidade Cultural*, Lisboa: IED, pp. 221-259.

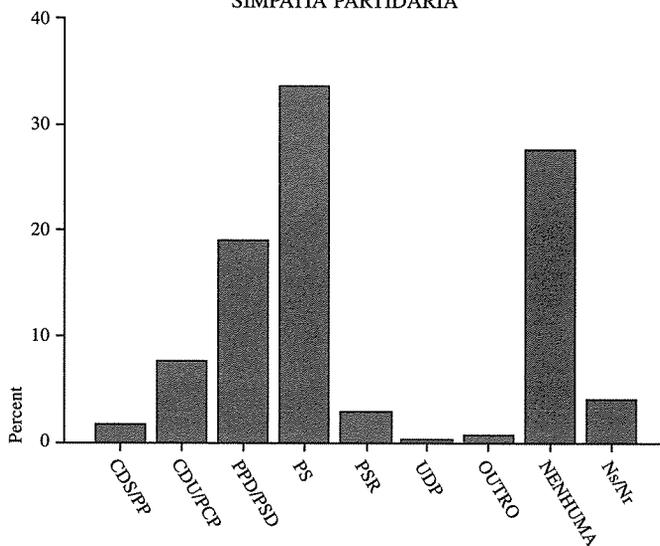
## A N E X O

**GRÁFICO 1**  
VOTO NAS ÚLTIMAS ELEIÇÕES



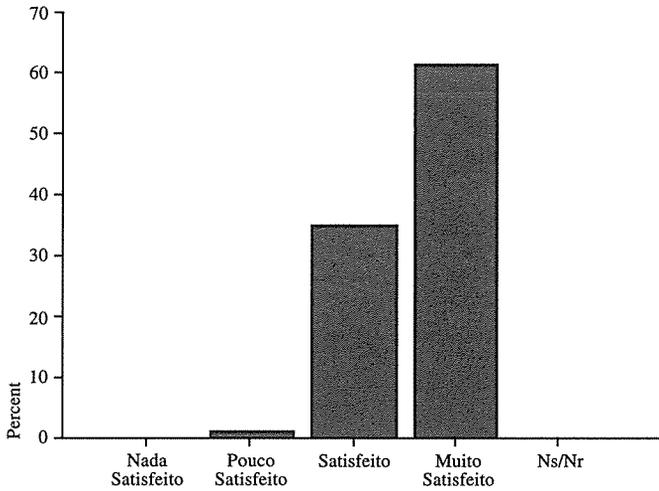
Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

**GRÁFICO 2**  
SIMPATIA PARTIDÁRIA



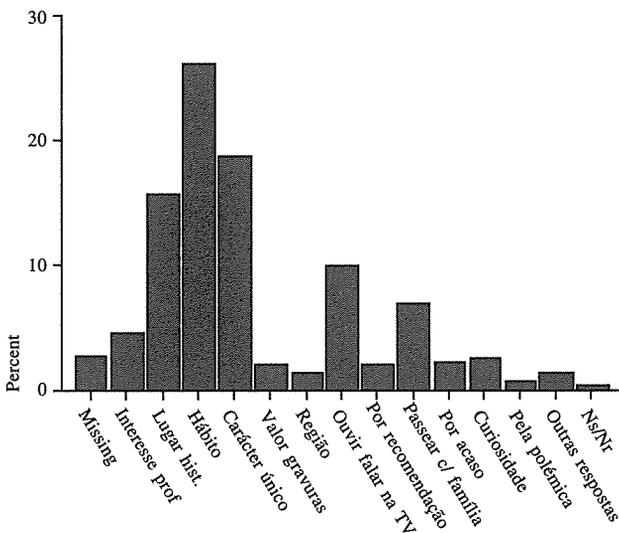
Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

**GRÁFICO 3**  
GRAU DE SATISFAÇÃO COM A VISITA



Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

**GRÁFICO 4**  
RAZÃO DA VISITA



Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa

**QUADRO 1****INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E “CONSUMO” DE PATRIMÓNIO**

	VISITOU		OUVIU FALAR		VISITA OUTROS	
	Count.	%	Count.	%	Count.	%
Sim	279	76,2%	152	54,5%	356	97,3%
Não	87	23,8%	127	45,5%	8	2,2%
Ns/Nr					2	,5%
<b>TOTAL</b>	<b>366</b>	<b>100,0%</b>	<b>279</b>	<b>100,0%</b>	<b>366</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Inquérito realizado aos visitantes do Parque Arqueológico do Vale do Côa